

## A velha terrina

Esta popular e velha terrina, já com grampos, foi levada de Portugal para Roma, por expresso desejo de um santo moderno, Josemaria Escrivá. Ao olhar para ela, pensava na misericórdia de Deus.

02/06/2011

Em 1972, S. Josemaria Escrivá visitou Portugal. Na casa onde ficou hospedado, chamou-lhe a atenção esta rústica terrina de barro com a palavra «Amo-te», e já com grampos por se ter partido. Gostou imenso

dela. Pediu que lhe deixassem levá-la para Roma. Levantou o tampo, provou um dos pequenos chocolates em forma de coração com que a tinham enchido.

Esta peça tinha sido comprada numa loja de velharias, em Coimbra. O comprador, o P. Hugo de Azevedo, achou que podia agradar ao fundador do Opus Dei, pois falava muitas vezes da nossa fragilidade e da misericórdia de Deus. O nosso amor a Deus e ao próximo é frágil como um vaso de barro. Mas Deus, na sua misericórdia, repara-nos de forma a ficarmos como novos.

Mas deixemos que o conte quem o testemunhou em primeira mão.

## **As recordações do P. Hugo de Azevedo\***

*É desse dia, após o almoço, a história de uma velha terrina – uma antiga terrina popular, rachada e*

*recomposta solidamente com sete  
grampos de ferro – que lhe  
apresentámos cheia de chocolates em  
forma de coração.*

*Comprara-a eu poucos meses antes  
em Coimbra, numa loja de velharias –  
o Plácido – da rua da Sofia. Quando a  
descobri na montra deu-me um pulo o  
coração: seria um presente ideal para  
o Padre! Tantas vezes nos falava dos  
vasos rachados – frágeis, como a  
nossa alma – que se consertam com  
uns bons grampos e ficam mais  
graciosos do que antes –, tal como fica  
cheia de graça a nossa alma  
arrependida, depois de uma boa  
Confissão.*

*Não era um vaso, mas era uma  
terrina, um puchero, outra imagem  
que usava com frequência,  
comparando o espírito da Obra ao  
velho púcaro ou caldeiro rústico  
onde todos os membros de família,  
sentados ao redor da mesa, iam*

*tirando aquilo de que necessitavam, cada um segundo a sua idade e o seu apetite. Um único prato para todos; assim como é um só o espírito do Opus Dei; mas de aplicação tão variável como as condições de cada qual.*

*E, ainda por cima, entre as ramagens pintadas no testo e no bojo, em letra corrida, quase infantil, o artista decorara a terrina com a mais simples declaração de amor, oito vezes repetida: «Amo-te, Amo-te, Amo-te...».*

*Quando a viu, no dia seguinte, sobre a mesa da sala de estar, comoveu-se. Gostou imenso da velha terrina portuguesa e já não quis separar-se dela. Que a levassem para Roma. Queriavê-la muitas vezes. Dar-lhe-ia muita presença de Deus. E assim se fez.*

*Erguendo a tampa, provou um dos pequenos chocolates com forma de coração, envoltos em pratinha*

*vermelha, com que a tinham  
recheado, e achou-lhes graça: – «Que  
doces são os corações dos meus filhos  
portugueses!»*

*Até o Senhor o levar para o Céu,  
quantas vezes se referiu a ela,  
extraindo lições que só uma alma  
enamorada de Deus seria capaz de  
tirar!*

– «Vistes aquela terrina com grampos  
que os meus filhos de Portugal tinham  
preparado para mim?» – perguntava  
uns meses mais tarde em Roma. –  
«Surpreendeu-me. Estávamos em  
Enxomil, a Casa de retiros que há  
junto do Porto.

*E trouxeram-me uma terrina velha,  
talvez de princípios do século  
passado; uma terrina de louça, aldeã,  
muito simpática. É uma coisa vulgar,  
mas a mim encantou-me, porque se  
via que a tinham usado muito e se  
tinha rachado - devia ser de uma  
família numerosa - e tinham-lhe posto*

*bastantes grampos para continuarem a usá-la.*

*Além disso, como adorno, tinham escrito, e ali tinha ficado depois de tirá-la do forno: amo-te, amo-te, amo-te [...]. Pareceu-me que aquela terrina era eu. Fiz oração com aquela peça velha, porque também eu me vejo assim: como a terrina de barro, partida e com grampos, e gosto de repetir ao Senhor: – “Com os meus grampos, amo-Te tanto!” Podemos amar o Senhor mesmo estando quebrados, meus filhos!»*

---

\* Excerto do livro: "O fundador do Opus Dei em Portugal", Hugo de Azevedo, Lucerna (2021).

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
opusdei.org/pt-pt/article/a-velha-  
terrina/](https://opusdei.org/pt-pt/article/a-velha-terrina/) (22/01/2026)